

De Montaigne a Pascal : do Fideísmo Cético à Cristianização do Ceticismo

José Raimundo Maia Neto¹

Não há ceticismo moderno ou contemporâneo que possa ser incluído nas tradições antigas pirrônica ou acadêmica sem solução de continuidade muito embora seja possível, como outros trabalhos reunidos neste volume bem o mostram, a identificação de afinidades entre ceticismos antigos e modernos. Por exemplo, um aspecto fundamental aproxima Montaigne e alguns céuticos do início do período moderno dos céuticos antigos. Este aspecto é a concepção — e em alguns casos adoção — do ceticismo como uma forma de vida. Este aspecto crucial do ceticismo antigo começa a ser minado ao longo do século XVII (o ceticismo passando a ser considerado uma posição extravagante e inviável), praticamente desaparecendo das perspectivas céuticas pós-humeanas. O céutico contemporâneo já não tem concreção ética. De sábio que era tornou-se um argumentador abstrato, espécie de alterego do filósofo dogmático que o convoca para refutá-lo ou para criticar dogmatismos alheios. O céutico de Montaigne e dos seus discípulos preserva — e creio mesmo que acentua, a ponto de ameaçar a própria consistência do ceticismo — o caráter eminentemente prático do ceticismo antigo.

Esta comunicação é um breve resumo da história do surgimento de uma perspectiva céutica que talvez represente a mais radical transformação do ceticismo antigo justamente por buscar reverter os pressupostos práticos (os valores) do ceticismo antigo e renascentista.

Começo com uma observação terminológica. Como tanto Montaigne e seus discípulos quanto os pensadores que promoveram a ruptura radical na tradição céutica são cristãos, a radicalidade desta última fica obscurecida quando se denominam todos os céuticos que são cristãos no período de

1 Departamento de Filosofia, PUC-Rio.

« céticos ou pirronistas cristãos ».² Chamarei Montaigne e seus discípulos de fideístas céticos, diferenciando-os de pensadores cristãos que cristianizaram o ceticismo de uma maneira bem mais radical.

O que é o fideísmo cético ? Em poucas palavras, é a perspectiva segundo a qual a verdadeira sabedoria cristã é antitética à qualquer forma de ciência racional. A fé não pode ser fundamentada racionalmente sendo ela compatível, portanto, com um ceticismo epistemológico (para diferenciá-lo do ceticismo psicológico entendido como suspensão da crença). O fideísmo cético se vale da descontinuidade entre evidência — ou falta dela — e crença — ou sua suspensão. Uma das principais fontes bíblicas desta perspectiva é a seguinte passagem da epístola de São Paulo aos coríntios : « Pois está escrito. Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio ? Onde está o homem culto ?... Por acaso Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo ?... Pela sabedoria o homem não conhecia Deus, quis então Deus pela loucura que pregamos salvar aqueles que acreditam. Pois os judeus demandam sinais e os gregos procuram a sabedoria; nós, porém, anunciamos o Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gregos » (1 Cor. 1, 18-23). O ceticismo seria não somente compatível com esta perspectiva religiosa mas lhe seria até mesmo útil. O ceticismo prepara a mente para o recebimento da fé, livrando-a de todas as falsas opiniões e sabedorias meramente humanas, como que limpando o terreno para a recepção sobrenatural da loucura da fé.

Esta passagem do ceticismo à fé se faz presente na « Apologia de Raimond Sebond ». Eu cito Montaigne : « Não existe nenhuma criação humana que seja tão verossímil e útil (como o ceticismo). Ele deixa o homem nu e vazio, reconhecendo sua fraqueza natural, pronto para receber do alto alguma força estrangeira, desprovido da ciência humana e portanto mais apto para receber a divina, extinguindo seu juízo para abrir mais espaço para a fé; nem descrente, nem estabelecendo nenhum dogma contrário aos costumes comuns; humilde, obediente, disciplinado, estudioso; inimigo jurado das heresias, se eximindo, portanto, das opiniões vãs e irreligiosas introduzidas pelas seitas falsas. É uma folha em branco pronta para receber do dedo de Deus as formas que lhe aprouver nela gravar » (*Essais*, II, 12, minha tradução). Como dirá Pierre Charron, um discípulo de Montaigne : jamais um cético será um herético, pois não tendo nenhuma crença jamais terá a crença errada.

Uma objeção contra o fideísmo cético parece óbvia : o cético não será um

2 Esta denominação foi cunhada por um discípulo de Montaigne — La Mothe Le Vayer — e se tornou clássica a partir do trabalho de Richard Popkin sobre o ceticismo no início da filosofia moderna. Ver Popkin, Richard H., *The History of Scepticism from Erasmus to Spinoza*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1979.

herético, é verdade, mas também não será cristão nem católico. Charron, como Montaigne, responde à objeção afirmando que a autêntica crença religiosa não pertence à ordem do humano mas à do divino. O homem faz o que está ao seu alcance : prepara a mente para a recepção da fé, que é sobrenatural. O ceticismo diz respeito somente ao que na vida mental concerne ao que é natural, da ordem da capacidade cognitiva humana. Abstração feita da graça, os fideístas céticos também sustentam que a crença religiosa pode ter para eles o mesmo estatuto de aparências que Sexto Empírico admite como critério de vida dos pirronistas. No caso, tratar-se-ia do respeito à tradição e costumes estabelecidos. Charron, como Pirro, era um sacerdote muito respeitado.

O fideísmo cético estabelece uma relação paralela — embora num certo sentido invertida — à que São Tomás de Aquino concebe entre filosofia (razão) e teologia (fé). A filosofia segundo São Tomás é serva da teologia. Ela funciona como *preambulae fidei* : demonstra-se racionalmente a existência de Deus, que o que Deus revela é digno de crédito, e que a Bíblia é revelada. A fé nos mistérios da religião fica assim justificada muito embora tais mistérios estejam acima da razão. No fideísmo cético, a filosofia cética é serva de um fideísmo puro, isto é, de uma fé purificada de opiniões, preconceitos, raciocínios, etc. meramente humanos. Richard Popkin mostra no livro citado que esta associação do ceticismo com o fideísmo torna-se especialmente atraente no contexto da Contra-Reforma, quando se busca rejeitar as novas concepções cristãs que rompem com a tradição da Igreja Católica Romana. Fideístas céticos católicos como Montaigne e Charron argumentaram que a tradição da Igreja deve ser mantida pois somos incapazes de estabelecer regras indubitáveis de verdade. Como esta concepção pode ser fundamentada em alguns textos de São Paulo e de fundadores da Igreja, a tradição do fideísmo cético definha mas não se extingue após o Renascimento. Tem ainda defensores ilustres no século XVII e mostra-se ainda viva no final deste século.³

Num artigo traduzido para o português (« Kierkegaard e o Ceticismo »),⁴ Popkin lista os principais representantes da tradição do assim chamado « pirronismo ou ceticismo cristão » : Montaigne, o teólogo Pierre Charron,⁵ François de La Mothe Le Vayer,⁶ Blaise Pascal, o bispo Pierre-Daniel Huet,⁷

3 Cf. André Verdan, « Plaidoyer pour un scepticisme fideiste », *Revue de Theologie et de Philosophie*, n. 3, 1973, pp. 417-425.

4 Em *O Ceticismo*, org. E. Eigenheer, EDUFF, Niterói, 1985.

5 Autor de *De la Sagesse* (1601), um dos livros mais influentes no século XVII. (Descartes, por exemplo, foi bastante influenciado por Charron).

6 Autor do *Dialogues faits à l'imitation des anciens* (1671), entre os quais se destacam « De la philosophie sceptique » e « Le banquet sceptique ».

7 Principal crítico de Descartes no final do século XVII e um dos maiores eruditos da época. Autor do *Traité philosophique de la faiblesse de l'esprit humain*, publicado postumamente em 1741.

o calvinista Pierre Bayle⁸ e o luterano Soren Kierkegaard.⁹ Eu separo Pascal e Kierkegaard dos demais. Pascal é o principal responsável pela ruptura que menciono acima. Ele estabelece uma nova relação entre o ceticismo e a religião cristã justamente em contraposição a Montaigne, Charron e La Mothe Le Vayer. Pascal cristianiza o ceticismo destes autores e dos cétricos antigos. Assim, a denominação « ceticismo ou pirronismo cristão » é infeliz para designar os fideístas cétricos na medida em que faz supor que estes modificam significativamente o ceticismo antigo a partir de uma perspectiva cristã, o que só acontece, ao meu ver, nos casos de Pascal e Kierkegaard. Montaigne e os demais são cétricos e cristãos, não apresentando uma versão do ceticismo caracteristicamente cristã, muito embora se possa detectar influências cristãs na formulação do ceticismo destes autores. A distinção entre fideísmo cétrico e ceticismo cristianizado resolve um paradoxo levantado por Popkin ao negar a sua premissa : sendo a posição de todos essencialmente idêntica, como fundamentar filosoficamente a aceitação não problemática da sinceridade da fé de Pascal e Kierkegaard (considerados dois dos maiores pensadores cristãos da modernidade) quando se duvida da profissão de fé de Charron, La Mothe Le Vayer e Bayle, mais conhecidos como libertinos do que como cristãos sinceros ?

O programa que seguirei deste ponto em diante é o seguinte : (1) mostro historicamente o que levou à cristianização do ceticismo por Pascal, (2) indico muito sucintamente no que consiste esta cristianização, e (3) menciono algumas de suas implicações.

Voltemos à passagem de Montaigne citada acima. Não obstante a descrição da miséria humana na « Apologia de Raimond Sebond », Montaigne apresenta a condição inicial cétrica pré-religiosa muito simpaticamente. Trata-se sobretudo de uma condição viável. Ela pode até ser somente provisória (muitos duvidam das afirmações de Montaigne neste sentido) mas o fundamental é que se pode nela muito bem viver ainda que Deus não intervenha com a graça, operando a transição para a fé. A posição inicial cétrica é suficiente, pode-se permanecer com o papel em branco, a transição para a fé é dispensável.

Charron desenvolve o aspecto prático do ceticismo antigo, ressaltando o caráter de sabedoria deste último. Convém lembrar que os cétricos antigos rejeitavam o caminho da ciência para a sabedoria, de forma alguma esta última. A divisa da sabedoria cétrica de Charron é « eu não sei ». Ela é representada no frontispício da *Sagesse* com uma tranquilidade suprema, alçando-se acima da Superstição, da Paixão, da Opinião (carregada pelo

8 Um dos principais cétricos do período, autor do monumental *Dictionnaire Historique et Critique* (1702), uma das obras que mais influenciaram os filósofos do iluminismo. (Veja tradução da nota « B » do artigo « Pirro » do *Dictionnaire*, incluída neste volume).

9 Em particular as obras do pseudônimo Johannes Climacus : *De Omnibus Dubitandum Est*, *Fragmentos Filosóficos*, e *Postscriptum Não-Filosófico Conclusivo*.

vulgo) e da Ciência (Filosofia) que tem em mãos um livro onde se lê « *oui* » e « *non* ». Segundo Charron, o que caracteriza o sábio é o tudo examinar sem nada assentir. (O exame racional rigoroso revela a falta de evidência demonstrativa de todas as opiniões. Como o sábio só deve assentir ao que é demonstrativo,¹⁰ permanece com o juízo suspenso). O exame não-dogmático universal mantém o juízo do sábio livre. (Fazer asserções ou adotar crenças é justamente prendê-lo). O sábio se conforma — não-epistemicamente — aos costumes, tradições, etc. do seu país com um distanciamento interior que preserva a liberdade do juízo e a tranquilidade.

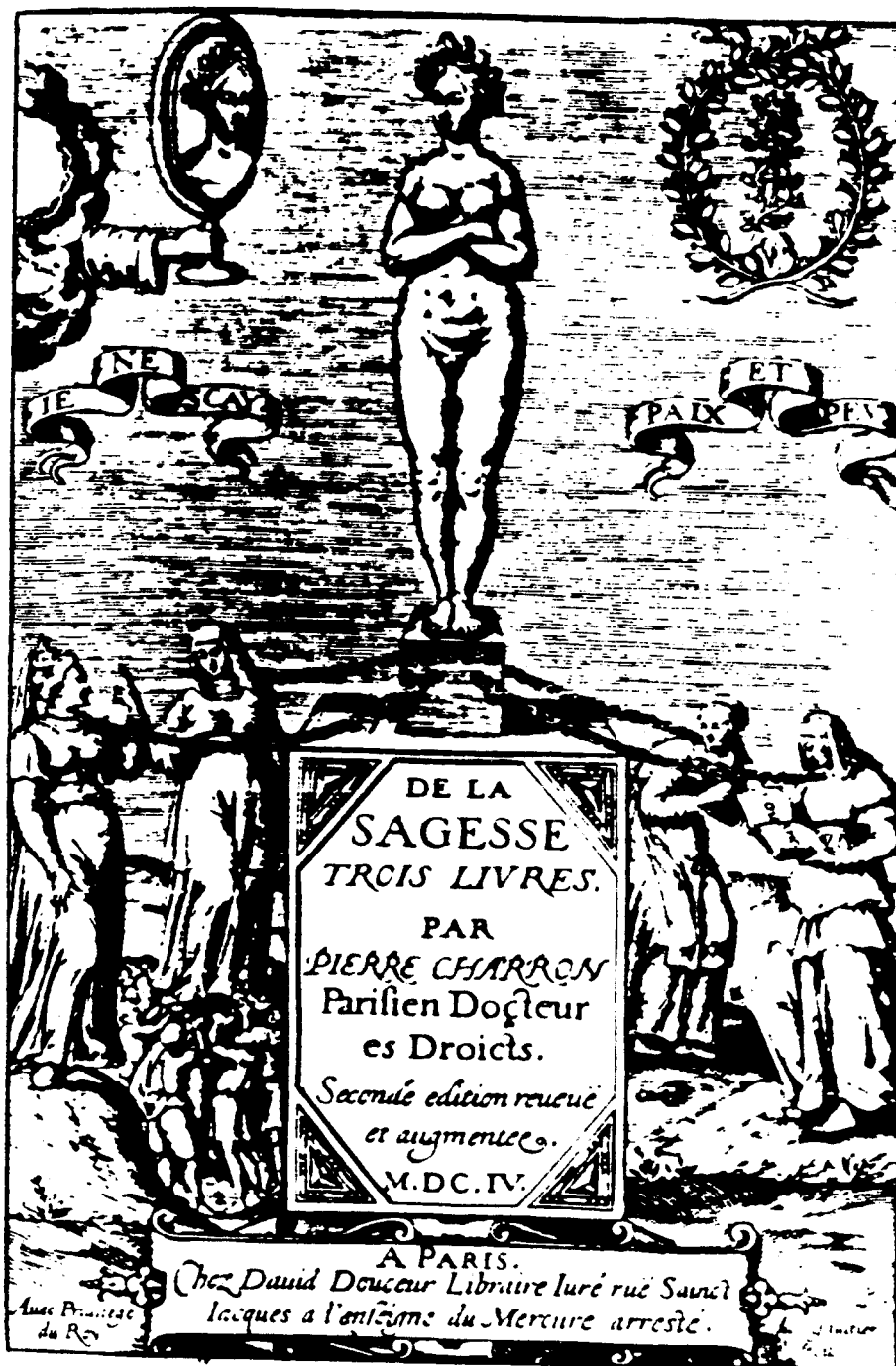
A primeira edição de *De la Sagesse* foi publicada em 1601. Poucos anos depois começa a controvérsia religiosa mais importante no mundo cristão do século XVII : a controvérsia jansenista. O jansenismo eclode em 1640 com a publicação póstuma do livro *Augustinus* de Jansenius. Jansenius reintroduz Santo Agostinho — ou uma determinada interpretação deste — para combater o que ele considera uma terrível contaminação do cristianismo (no seio mesmo da Igreja) por valores pagãos pelagianos.¹¹ Jansenius lança um ataque contra a filosofia escolástica (sobretudo a renascentista dos teólogos jesuítas espanhóis Suárez e Molina) e a filosofia em geral. O próprio interesse pela filosofia é considerado *libido sciendi*. A suposição de que a filosofia possa conduzir a uma sabedoria genuína que dispensa a loucura de Cristo é arrogante pelagianismo que desconsidera o pecado original. A corrupção da vontade, dos sentidos e da razão torna a assistência divina imprescindível.

Em 1626, quatorze anos antes da publicação do *Augustinus*, o amigo de Jansenius e, com a morte prematura deste último, líder do movimento, Duvergier de Hauranne, mais conhecido como o *abbé* de Saint-Cyran, faz uma defesa surpreendente de Pierre Charron contra a acusação de ateísmo levantada pelo jesuíta François Garasse.¹² Praticamente todos os historiadores das idéias do período citam este episódio como evidência de uma afinidade essencial entre o fideísmo cético e o jansenismo. Na verdade, foi o encontro do jansenismo com o fideísmo cético o que levou a mais radical transformação deste último. A transformação jansenista do fideísmo cético absorveu alguns aspectos deste último mas promoveu uma completa reversão de outros. O jansenista principal responsável por esta operação foi Blaise Pascal que manteve os argumentos epistemológicos céticos mas rejeitou seus compromissos práticos. A defesa quase inqualificada de Charron por Saint-Cyran constitui um dos maiores malentendidos da época.

10 Esta máxima que orienta a conduta dos cétricos antigos (integridade intelectual) parece ter sido explicitamente adotada por Arquêsilaus (cf. Cícero, *Academica*, I, 43-46 e II, 76-77).

11 O pelagianismo é uma heresia combatida por Santo Agostinho que desconsidera ou minimiza (semi-pelagianismo) a realidade e os efeitos do pecado original.

12 Duvergier de Hauranne (*abbé* de Saint-Cyran), *La Somme des fautes et faussetez capitales contenues en « La Somme theologique » du Pere François Garasse de la Compagnie de Jesus*, 4 volumes, J. Bouillerot, Paris, 1626.



Os principais pontos da controvérsia são os seguintes :

1) Garasse acha um absurdo Charron dizer que as ações e juízos de Deus (sobretudo no Velho Testamento) são irracionais do ponto de vista da razão e justiça humanas. Saint-Cyran replica que esta posição de Charron representa a mais pura ortodoxia agostiniana e estranha que Garasse acuse Charron e não Santo Agostinho.¹³ Garasse é um racionalista cristão : ele crê em uma continuidade entre as razões humana e divina. Saint-Cyran, ao contrário, crê que a corrupção causada pelo pecado original dissolveu a continuidade suposta por Garasse. Garasse é pois um pelagiano. Mas Charron não parece adotar a posição agostiniana pois não vincula sua argumentação à doutrina da queda.

2) Garasse critica a afirmação de Charron de que, se vivesse entre os índios da América, se apresentaria sem constrangimento nu nos locais públicos. Saint-Cyran diz que, com efeito, o pudor não é de forma alguma uma paixão natural. Ele é contingente : uma decorrência do pecado original. (Só depois do pecado, Adão e Eva se envergonharam ao se verem nus.) Mas o fundamento da posição charroniana não é a doutrina da queda mas o décimo *tropo* de Enesidemo no *Hypotyposes* e o ataque de Sexto às concepções éticas no livro onze do *Adversus Mathematicos*.

3) Garasse acusa Charron de haver dito que a religião mostra a nossa miséria (superstições, sacrifícios, etc.). Saint-Cyran afirma que Charron se refere às religiões pagãs e que a judaico-cristã nos mostra a nossa miséria no sentido de ensinar-nos — através das doutrinas da queda e do pecado original — que somos corrompidos. Na verdade Charron coloca lado a lado doutrinas e histórias bíblicas com mitos e lendas pagãs, bem à maneira do décimo *tropo* de Enesidemo. Daí o fato de Charron ter sido influente entre os libertinos do final do século XVII e início do XVIII. Como se sabe, os autores libertinos promoveram uma crítica devastadora da base revelada histórica do judaico-cristianismo que muito contribuiu para as posições deístas e ateístas do Iluminismo.

Em suma, Saint-Cyran interpretou como decorrente da queda o que em Charron é meramente natural. Saint-Cyran parece não ter percebido que o ceticismo de Charron é tão pelagiano quanto o racionalismo de Garasse.

Mas Saint-Cyran, como a maioria dos jansenistas, não era conhecedor nem estava interessado em filosofia. Para desfazer o malentendido foi necessário que surgisse um membro do movimento particularmente brilhante e familiarizado com a filosofia moderna, cujos expoentes lidaram amplamente com o ceticismo (Montaigne, Charron, Descartes e Gassendi). Uma vez convertido ao jansenismo, Pascal passa a reunir as condições ideais para cristianizar o

¹³ Na verdade, Saint-Cyran acha que o principal alvo de Garasse como o de todos os jesuítas da época é Santo Agostinho mesmo: A defesa da doutrina deste último é a principal motivação de Saint-Cyran.

ceticismo. Conhece bem a problemática epistemológica cética, não se deixa seduzir (contrariamente aos seus amigos jansenistas Arnauld e Nicole) pelo cartesianismo, além de possuir o olho clínico de Jansenius e Saint-Cyran para perceber e denunciar a presença de valores pagãos em filosofias cristãs modernas. Além destas qualidades pessoais, o contexto também favoreceu a cristianização do ceticismo por Pascal. O principal foco de atenção já não era a crença, como no contexto da Contra-Reforma, mas as concepções da moral cristã e os movimentos libertinos. Pascal então não somente utiliza o ceticismo epistemológico contra os estóicos e dogmáticos em geral como também identifica valores pagãos-pelagianos nos fideístas céticos. Se o ceticismo leva à sabedoria de Charron então qual é a necessidade de Cristo? A corrupção da natureza humana parece em Charron poder ser superada através do próprio ceticismo enquanto forma de vida (o ceticismo ensina a se conformar com a situação de ignorância). Isto é claramente uma forma de pelagianismo. Além do mais, Pascal precisa somente voltar-se para o seu contemporâneo La Mothe Le Vayer para verificar o potencial anticristão do décimo *tropo* utilizado por Charron.

A posição de Pascal se opõe à de Montaigne, Charron e La Mothe Le Vayer do seguinte modo. Para estes últimos, o ceticismo é a posição filosófica verdadeira. O cristianismo é adotado sem compromisso com a verdade de suas doutrinas, seja como uma tradição que o cético observa enquanto « aparência », seja como experiência extraordinária resultante de uma infusão sobrenatural da graça. Pascal nega a validade metafísica de toda posição filosófica natural. A verdade do cristianismo é pressuposta e só então se verifica que um determinado tipo de ceticismo segue desta verdade. Em Pascal, o ceticismo não tem por fundamento as limitações naturais das faculdades cognitivas humanas mas a doutrina cristã da queda. Não se pode ter conhecimento certo por causa da corrupção ocasionada pelo pecado original. A verdade da doutrina cristã (da queda) é pressuposta podendo-se verificá-la indiretamente através dos seus efeitos sem contudo poder-se prová-la assertoricamente. Pascal evita assim um dos maiores problemas do fideísmo cético que é o da justificação da fé cristã em contraposição a uma outra qualquer.

A cristianização do ceticismo por Pascal envolve uma reconstrução dramática dos *tropos* e uma tematização da condição psicológica humana que não examinarei aqui. Limitar-me-ei a apontar algumas de suas implicações.

Uma ruptura evidente como o ceticismo antigo é o estatuto transcendental de verdade que Pascal atribui à doutrina da queda. A verdade da doutrina é porém pressuposta e não demonstrada. Pascal oferece entretanto uma prova indireta de sua veracidade, aplicando à religião regras de verificação de hipóteses científicas por ele mesmo elaboradas durante suas experiências com o vácuo. Segundo Pascal, a doutrina da queda é a

apresenta-se como uma reflexão informada por uma doutrina cristã básica que busca neutralizar e mesmo reverter pressupostos valorativos pirrônicos e acadêmicos considerados incompatíveis com o cristianismo. O outro lado da preservação da identidade é a desfiguração da filosofia antiga. Após a cristianização, o pirronismo fica bem mais desfigurado do que o platonismo, o aristotelismo, *etc.*, muito embora ainda se possa falar de cristianização do pirronismo (ou ceticismo) pois trata-se da filosofia que é objeto da cristianização.